

# **Costureira de Afetos**



# **Costureira de Afetos**

Arlete Portella Fontes

Copyright ©2023, 1ª edição. Arlete Portella Fontes.  
Copyright ©2023 Miró Editorial.  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,  
em vigor desde janeiro de 2009.

*Produção Editorial*  
Miró Editorial

*Editor*  
Márcia Lígia Guidin

*Capa e projeto gráfico*  
Alberto Mateus

*Diagramação e provas*  
Crayon Editorial

*Preparação de texto e revisões*  
Márcia Lígia Guidin, Michelle Campos

*Impressão e acabamento*  
Forma Certa Gráfica

Para adquirir esta obra, entre em contato com:  
[editorial@miroeditorial.com.br](mailto:editorial@miroeditorial.com.br)  
[www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

F214c Fontes, Arlete Portella  
1.ed. Costureira de afetos / Arlete Portella Fontes. – 1.ed.  
– São Paulo : Miró Editorial, 2023.

ISBN : 978-65-990077-5-0

1. Famílias. 2. Imigração.  
3. Memória familiar. I. Título.

---

04-2023/114

CDD 920

Índice para catálogo sistemático:  
Família : Memórias : Biografia 920

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

*Todos os direitos reservados*  
Miró Editorial Ltda.



Rua Oscar Freire, 836/ 121 A – CEP: 001426-000 – São Paulo – SP  
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 942989697 (WhatsApp)  
Visite nosso site: [www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)

*Dedico este livro aos meus antepassados,  
que ajudaram a construir as minhas utopias.*



## SUMÁRIO

Apresentação: O mundo sonhado de Arlete [ 9 ]

Como tudo começou [ 13 ]

Meus avós [ 15 ]

Uma Geleira e seus Segredos [ 33 ]

Relacionamentos, Casamentos e Bodas [ 49 ]

Utopias pessoais [ 61 ]





## APRESENTAÇÃO

### O MUNDO SONHADO DE ARLETE

A suavidade aparente da costureira de afetos, que tem no amor a sua tatuagem, contrasta com a assimetria do jardim, a alegria pulsante, o olhar fulminante.

Neste novo livro, Arlete Portella Fontes recompensa a leitura com uma escrita tocante e extremamente sensível, repleta de imagens vívidas – como as citadas no parágrafo que inicia esta apresentação. Seu talento, que já havia se revelado no belo estudo das relações humanas (das emoções femininas em especial) *Mulheres e suas histórias de envelhecimento*, fica aqui cabalmente demonstrado e confirmado.

Arlete mescla poesia e prosa. O estilo é reflexo do real – em suas próprias palavras: “Dois senhores habitam o corpo da menina”. Não se trata de uma dualidade simples. As profundezas dos sentires se revelam na intensidade da escrita, no lirismo e no calor com os quais descreve os antepassados, observa com agudeza os contemporâneos de ontem e de hoje e antevê os feitos das gentes futuras em redor. No sangue que lhe anima as veias, a missão, árdua e doce, já estava inscrita.

O avô João “fez de seu clã sonhadores de um lugar melhor”, a avó Dorothea confeccionou “uma colcha de sentimentos”. A mãe, Toniqueta, partiu cedo, “rumo a uma liberdade ambicionada”.

O avô Manoel se vê e entrevê envolto em majestosidade e mistério, “uma geleira, como as da Patagônia”. A avó Gioconda, bailarina e feiticeira, lhe inspira “o sonho de ter mãos de cura” igual a ela. E o pai, Antônio, lhe mostrou “a textura do amor, da alma, do riso e da ternura”.

A irmã, o irmão, as primas e os primos, sobrinhas e sobrinhos, a neta. É um composto que evoca a inquietude natural diante da impermanência das coisas enquanto celebra a alegria do convívio – sentimentos expressos nesse jardim tão pessoal que reproduz, ampliado, o grande quintal-pomar da infância.

Mas há mais que isso, bem mais. Arlete tem importâncias, gostos e desejos próprios e indomáveis. Em vez de boneca como as outras meninas, quer um boneco – Alexandre de nome. O boneco a representar “a não passividade diante das coisas e a ousadia de poder mudá-las”.

A permear tudo, o sonho. Porque para realizar é preciso sonhar. A família rodeia de zelo e atenções, mas torna medrosa e insegura a menina. E o grande ensino de Costureira de afetos – o medo e a insegurança se reparam no domínio da realização. *É leitura de valia a deste livro.* O domínio do realizar, do autoestimar-se, no entanto, requer outro domínio.

O domínio do sonho. ... Arlete, por que sonhas?

– Sonho para decifrar minha vigília.

*Junho de 2023*

*Fernando Nuno*

*Editor e escritor, autor de O quintal da minha casa e outras obras.*





## COMO TUDO COMEÇOU



O termo *utopia*, criado por Thomas More, refere-se a um local ou uma situação na qual tudo é perfeito e harmônico. Nesse local o homem vive e exercita plenamente suas capacidades, em condições socioeconômicas justas. O termo pode descrever uma viagem imaginária a uma ilha desconhecida, à qual o viajante chega por acaso, em geral em decorrência de um naufrágio.


Início essa viagem por entre as histórias ouvidas de meus antepassados. Como imigrantes que foram, acredito que as viagens marítimas e a descoberta de novas terras inspiraram o sonho de um lugar perfeito e acolhedor para morar, ganhar a vida, onde homens solidários viviam em harmonia com a natureza.

Pedaços de suas histórias foram amalgamados e talharam meu modo de perceber, sentir e vivenciar os relacionamentos, as amizades, o amor, o trabalho e, principalmente, a busca de sonhos de minha geração.

A maioria dos textos e poemas aqui descritos foi elaborada em oficinas de escrita do SESC-Campinas, particularmente nas oficinas “Mundo Sonhado” e “Sonhos imprevistos”, conduzidas pelo editor e escritor Fernando Nuno, no ano de 2019.



## **Meus avós**

 MEU AVÔ MATERNO, João, filho de imigrante espanhol, trabalhava na colheita de café em uma fazenda na região de Ribeirão Preto, quando de repente uma cobra se enrolou em seu pescoço. Ele se debateu contra ela, puxando-a com as mãos. Foi uma verdadeira guerra. Não sabia se era uma jararaca, uma cascavel, uma surucucu ou uma cobra-coral de verdade. Após intensa luta, conseguiu tirá-la do pescoço. A seguir, seu corpo começou a arder em febre e o cabelo começou a cair. Essa história, com retoques aqui e acolá de minha imaginação, eu ouvia quando era criança. E muitas outras histórias eu ouvi.

Meus irmãos e eu fomos criados com a presença dos avós maternos, João e Dorothea. Tenho várias lembranças de vô João, pipoqueiro, trabalhando nas noites de sábado num jardim em frente à igreja do bairro, na cidade de Americana (SP).

A vô Dorothea eu a trago na lembrança em sua máquina de costura. Ela era a mais velha de onze irmãos, filhos de José e Maria Rosa, portugueses, que vieram para o Brasil logo após a Proclamação da República.

Os homens, na maioria, trabalhavam na lavoura do café. As mulheres não eram bem-vindas ao mundo pesado da roça, que pedia corpos e braços muito fortes para plantar, arar, colher, dia a dia, sol a sol. Dorothea, como outras, se fez costureira.

José, pai de Dorothea, por sua vez, tinha completado o ginásio quando chegou ao Brasil. Seria ele um escrivão, um professor? Casaram-se em 1900, ele com 13 anos e ela com 15.

Como pai, José encaminhou os homens para fazer o primário e ofereceu às mulheres o benefício da escrita e leitura

por entre as lidas com a casa. Ele mesmo as educou. E, entre os cinco netos de Dorothea, três deles, inclusive eu, escolheram os caminhos da sala de aula.

Os bisavós maternos moravam em Cravinhos, região de Ribeirão Preto, numa casa grande de esquina. Dessa casa me vêm à lembrança os pés de fruta-do-conde, laranja e parreiras no quintal; tufos de roseiras e bocas-de-leão rodeando os lados da casa. Dentro da casa ficavam as máquinas de moer café; na cozinha tomávamos café com bolinhos de chuva à tarde. Viajávamos no trem da Companhia Mogiana para visitá-los.

Cravinhos me vem à memória com casas cor de ocre, a “terra rossa” pintando as paredes. As ruas cheiravam café. Nas padarias vendia-se café, no bar da esquina um barbeiro e o padre saboreavam uma xícara de café e as crianças, à tarde, esperavam pela xícara de café com leite. Os homens, ao final do dia, guardavam suas enxadas no quarto do fundo cansados, roupas avermelhadas, mãos endurecidas e ainda cobertas de terra.

Cravinhos, terra do café. Dizem que o café veio das Arábias. Ou seria da Etiópia? Mas veio mesmo da *vida sofrida, vida que não se escolhia, se fazia*.







## **Mundo Novo, Novo Mundo**

Mar, viagem.

Mundo novo. Novo mundo.

Sonhavam uma terra para plantar,  
um lugar para morar, um futuro a desejar.

Sonharam filhos, netos?

Nos sonhos foram urdidos  
os cafezais na terra roxa, costuras,  
parreiras de uva, torradores de amendoim,  
panelas de pipoca,  
malhação do Judas  
e fábricas de tecidos.

O sangue que corre em mim,  
caldo do encontro luso-espanhol,  
fez-me obreira, como Dorothea, a costureira,  
fez-me sonhadora, como João, o pipoqueiro.  
Algumas vezes, esquadrinho lugares comuns.  
Como uma obsessão-compulsão,  
repito o traço, a tara.

Faço refletir a sombra.

Outras tantas, sonho milagres.

E aí como Ulisses, como João e Dorothea,  
serei salva de um naufrágio.

Sonharei o amanhã.

E cantarei o nascer do sol.

## Cafezais e Cobras

No castelo envolto em brumas e névoas os imigrantes sonhavam enquanto adormeciam amontoados nos porões do navio, entorpecidos pela maresia.

Enquanto dormia em um canto do navio, no salão nobre do castelo, o menino espanhol construía seu sonho: sonhava cruzar o Atlântico e, quando chegasse à *terra brasilis*, se acostumaria ao calor reinante e se empregaria como serviçal no castelo do governante. Casaria como uma bela copeira e seriam felizes para sempre.

Em uma de suas andanças pelo estado de São Paulo, o espanhol foi contratado para trabalhar como coletor de café em uma das fazendas nas terras onduladas de Cravinhos. Essa já era a terceira fazenda para a qual a família de colonos era contratada. Das outras duas ele fora demitido. Às noites, se embebedava na quitanda do português, comprava sempre uma briga e ia dormir trôpego, às vezes cheio de arranhões e com a face arroxeadada pelos socos que lhe eram desferidos.

Mas, hoje, o sonho tinha outra tecitura. Cinco horas da manhã já estava ele em frente ao primeiro pé de café, na cabeça tinha um chapéu, retorcido e mal-arranjado, mangas de camisa compridas de algodão roto e de cor amarronzada. Como de costume, na véspera, à noitinha, havia se envolvido em uma briga no bar do português. Esta movida por ciúmes. O novo colono português, que chegara à fazenda por aqueles dias, estava de olho em sua mulher. Tal desfeita, o sangue espanhol que corria em suas veias não poderia admitir.

De repente, enquanto apanhava alguns grãos, uma cobra, enroscada no caule do pé de café, deu-lhe um bote e enrolou-se em seu pescoço. Seu coração disparou e veio até sua boca, os olhos esbugalharam, o calor tomou conta de seu corpo e ele se pôs a se debater com a cobra. Ela, antes de lhe dar a picada, embebedou-se pelo cheiro que ele exalava depois de uma noite regada a álcool e ficou ali grudada em seu pescoço, inerte, colorida, embriagada como um colar a ornamentá-lo.

Conta-se que ele ficou febril durante quarenta dias e quando acordou já trabalhava em outro cafezal.